

## A 3ª PESSOA E O CONFLITO DE REGRAS

José Augusto Carvalho

### Resumo

Este trabalho procura analisar a mistura de paradigmas pronominais de 2ª e 3ª pessoas, atribuindo-a ao conflito de regras, por um lado, como deriva da língua, e a intenções estéticas, por outro lado, como recurso do ficcionista para retratar estados de alma de seus personagens. Após exame de alguns exemplos em escritores brasileiros e portugueses conhecidos, há a conclusão de que o conflito de regras ainda está longe de ser resolvido.

**Palavras-chave:** paradigma, pronomes pessoais, pronomes de tratamento, sistema, norma, estilo, regras, teoria das ondas.

### Abstract

This research analyses the mixing of pronominal paradigms for the 2nd and 3rd persons, and attributes the process to rule conflict, on the one hand, and to aesthetic intentions, on the other, as a means for fiction writers to portray the soul of their characters. After examining the rule conflict in prominent Brazilian and Portuguese writers, the conclusion is that the conflict rule is far from being resolved.

**Key words:** paradigm, personal pronouns, treatment pronouns, system, norm, style, rules, wave theory.

### 1. ELE E ELA COMO PRONOMES DE TRATAMENTO

O uso do pronome de tratamento formado de possessivo mais substantivo abstrato, como *Vossa Alteza* ou *Vossa Majestade*, permite ao falante aumentar ainda mais a distância que o separa do ouvinte: o falante não mais se dirige ao alocutado, mas à qualidade que dele emana, expressa pelo substantivo abstrato. É o que explica o emprego de *ela*, na carta de Pero Vaz de Caminha:

"E neesta maneira Senhor dou aquy avossa alteza doque neesta vosa terra vy esse aalguũ pouco alomguey, ela me perdoe, cao desejo que tijnha de vos tudo dizer mo fez asy poer pelo meudo." (A Carta de Pero Vaz de Caminha — edição de J. F. de Almeida Prado, p. 85.)

A referência à qualidade do alocutado designada pelo substantivo abstrato, na expressão com o possessivo, acarretou, em italiano, o uso atualmente generalizado do pronome feminino *lei* (= ela) como forma de tratamento respeitoso. Em alemão, o mesmo fenômeno ocorreu, mas o pronome de tratamento que originou a utilização do feminino *Sie* tinha o substantivo abstrato em sua forma plural: *Gnaden*, ligada ao tratamento *Ihr* (= vós), plural majestático. O sentido do termo *Gnade* (= clemência, graça) — de acordo com o dicionário etimológico de Drosdowski & Grebe — foi fixado, em grande parte, pela idéia cristã de graça divina, embora já existisse o termo entre os germanos pré-cristãos, com o sentido de "livramento da pena", "misericórdia para com o vencido, o condenado ou o súdito". A fórmula "pela graça de Deus", usada para os príncipes da Igreja, começou a aparecer como acréscimo aos títulos dos senhores feudais na época carolíngia. Era uma tradução do latim tardio *Clementia Vestra*. *Gnade* corresponde ao fr. *merci* (trouver merci) ou *grâce* (título de honra dado aos duques de Inglaterra: *Sa grâce le duc de...*). O *Sie* de tratamento, no moderno alemão, era usado inicialmente como 3ª pessoa plural, ao lado do título, a partir do séc. XVI, para pessoas gradadas (Ex.: *Euer Gnaden haben...* = Vossas Clemências têm... → *Sie haben...* = elas têm...). Desde o séc. XVII, o *Sie* é empregado sem o uso do título. No séc. XVIII, tornou-se a fórmula de tratamento entre os nobres e entre os cidadãos de categoria elevada, ao lado de *Ihr* (= vós), que se tinha tornado de uso corrente anteriormente, e, desde então, está sendo escrito com maiúscula. A confusão entre as formas *sie* (singular) e *Sie* (plural) ocorreu no moderno alto-alemão.<sup>12</sup> A expressão *Ihre Gnaden*, que Fourquet dá como ponto de partida para a

---

<sup>12</sup> Cf. DROSDOWSKI, Günther & GREBE, Paul. *Der Große Duden – etymologie – Herkunftwörterbuch der deutschen Sprache*, s.v. Gnade e Sie. Ver também WANDRUSZKA, M. *Nuestros idiomas: comparables e incomparables*, p. 385-6.

substituição pelo *Sie* de respeito,<sup>13</sup> já é de formação posterior a *Eure* (por *Euer*) *Gnaden*. *Eure* é possessivo que pertence ao paradigma de *Ihr* (= vós), e *ihre* é possessivo que pertence ao paradigma de *sie* (= ela). Em Goethe, ainda se pode ler a fórmula arcaica *Ihro Gnaden*, do paradigma de *Sie*:

Olear para o Bispo: "Was spricht man vom Türkenzug, Ihro Bishöffliche Gnaden?"<sup>14</sup>

O pronome *ele*, como forma de tratamento que já era usual no séc. XVI,<sup>15</sup> ainda existe nos dias de hoje, em português, segundo Maria José de Moura Santos e Leite de Vasconcelos.<sup>16</sup> Essa forma de tratamento tem sua origem na referência a *o senhor*, da mesma forma que *ela* tem sua origem na referência à qualidade do alocutado, expressa pelo substantivo abstrato da fórmula de tratamento composta com o possessivo.

Said Ali, analisando o emprego de *ele-ela* como formas de tratamento em uma comédia de Jorge Ferreira de Vasconcelos (*Eufrosina*), observou que, no ato II, cena 5, os dois personagens se tratam um ao outro por *senhor primo*, *senhora prima*, *senhor* e *senhora*, naturalmente apenas como forma vocativa. Como sujeito dos verbos, o pronome pessoal é *vós*, mas, vez por outra, *ele* e *ela* são usados como forma de tratamento, em lugar de *vós* ("Se me *elle* quer fazer essa mercê" – "como *ella* mandar" --). Trata-se, portanto, da referência a *o senhor primo*, ou *o senhor*, e a *senhora prima*, ou *a senhora*. Entre ama e criada, *vós* era o tratamento mútuo, mas a criada podia enaltecer a senhora, falando-lhe por *ela* (= a senhora). No ato III, Eufrosina fala a Sílvia utilizando as formas oblíquas de 3ª pessoa: "Bofee, com vossa licença Sílvia de Sousa, nam lhe digo por lhe querer mal".<sup>17</sup> Psicologicamente, a utilização do pronome *ele*, como forma de

---

<sup>13</sup> FOURQUET, J. *Grammaire de l'allemand*, p. 64.

<sup>14</sup> GOETHE. *Götz von Berlichingen*, erster Akt, p. 25.

<sup>15</sup> Cf. BASTO, Cláudio. Fórmulas de tratamento em português, p. 195; SAID ALI, M. *Investigações filológicas*, p. 101; e Meios de expressão e alterações semânticas, p. 220 e ss.; e NUNES, J.J. Digressões lexicológicas, p. 74 e ss.

<sup>16</sup> SANTOS, Maria José de Moura. Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes, p. 21. Leite de Vasconcelos, lembrado pela autora, registrou o uso em mirandês (*Estudos de filologia mirandesa*, Lisboa, vol. I, p. 440).

<sup>17</sup> SAID ALI, M. *Investigações filológicas*, p. 101 e ss.

tratamento, se explicaria como uma forma de evitar discretamente a individuação, aumentando a distância que separa o locutor do alocutado. É o que se deduz também deste exemplo dado na gramática de J. Fourquet (é o trecho de uma carta de Frederico, o Grande, da Prússia, para o pai, no séc. XVIII):

“Ich sakrifiziere meinem allergnädigsten Vater alles und kann Er aus diesem gewiß schließen, daß Er mir nicht befehlen könne, worin ich Ihm nicht gehorsam würde.” (Eu sacrifico tudo ao meu clementíssimo pai e Ele pode com certeza concluir que Ele nada poderá me ordenar que eu não lhe obedeça.)<sup>18</sup>

Observe-se a utilização de Er (= ele), como pronome de tratamento, referindo-se anaforicamente a *meinem allergnädigsten Vater*.

No judeo-espanhol, dialeto falado ao Norte de África, são desconhecidos os pronomes *usted* e *Vuestra Merced*. A forma de tratamento reverencial é *él-eya* (e também *vos*, sobretudo no Marrocos).<sup>19</sup>

## 2. A SUPREMACIA DA 3ª PESSOA

Os pronomes formados do possessivo *vossa* eram originalmente de 2ª pessoa, como indica sua própria estrutura mórfica. Mas pronomes de tipo *o senhor, o senhor doutor, o menino, o cavalheiro, o amigo*, etc. eram originalmente de 3ª pessoa. Na prática, contudo, os pronomes formados por *vossa* e os do tipo *o senhor, o amigo*, etc se comportam, atualmente, como pronomes gramaticalmente de 3ª pessoa, ainda que semanticamente de 2.ª

Essa espécie de dualismo provoca construções curiosas, como o cruzamento sintático, em alemão, nos exemplos citados por Fourquet e Wandruszka.<sup>20</sup> O primeiro aponta a seguinte construção como mais respeitosa que o simples *Sie*, e de emprego banal:

1. Haben Herr Hauptmann eine Karte?

Essa frase tem origem em duas outras:

---

<sup>18</sup> FOURQUET, J. O.c. p. 64.

<sup>19</sup> Ver CARVALHO, José Augusto. Gramática superior da língua portuguesa, p. 269 e LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua castellana*, p. 318.

<sup>20</sup> FOURQUET, J. O.c. p. 64; WANDRUSZKA, M. O. c., p. 387.

2. Haben Sie, Herr Hauptmann, eine Karte?

3. Hat (der) Herr Hauptmann eine Karte?

Wandruska apresenta exemplo semelhante:

1'. Was wollen der Herr?

Frase que resulta das expressões seguintes:

2'. Was wollen Sie, mein Herr?

3'. Was will der Herr?

As frases de números 2 e 3 são mais conformes com a gramática normativa do alemão: as de número 3 indicam um distanciamento maior entre o falante e o interlocutor, com sujeito e flexão verbal de 3ª pessoa do singular, e são estruturalmente semelhantes às construções francesas do tipo "Madame, veut-elle dîner?", citadas por Charles Bally e Giselle Machline de Oliveira e Silva.<sup>21</sup> Por causa da mobilidade social, das oportunidades de instrução e emprego, da vitória da semântica da solidariedade sobre o edifício do poder, que diminuiu as diferenças entre a aristocracia e o proletariado, nas grandes cidades, essas construções francesas tendem a desaparecer, substituídas pela forma usual do verbo na 2ª pessoa. Mas em português essas construções são vivas e não têm conotação de servilidade. Não nos referimos a *o senhor*, apenas, mas a expressões como *o cavalheiro*, *o amigo*, etc., e a formas mais respeitadas, como *o senhor engenheiro*, *o senhor doutor*, *o senhor professor doutor*, mais em voga em Portugal que no Brasil.

Nos quatro exemplos abaixo, apenas o contexto poderá dizer se as expressões em negrito são semanticamente de 2ª pessoa (reverência) ou de 3ª pessoa (referência):

1. Estes meninos são uns monstros! Vá lá a gente confiar! Pareciam iguais a todos os outros. Ia jurar que eram bonzinhos. Tinham tanto respeito **ao senhor doutor**. (Urbano Tavares Rodrigues. *Casa de correção*, p. 40.)

---

<sup>21</sup> BALLY, Charles. *Le langage et la vie*, p. 48; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. *Aspectos sociolinguísticos dos pronomes de tratamento em português e francês*, p., 41-2. Ver também SAID ALI, M. *Investigações filológicas*, p. 97-8. Apesar da inversão complexa, que impõe o uso do pronome *il* ou *elle*, redundantemente, o exemplo também ilustra o uso do tratamento *elle*, com referência a *Madame*. Giselle Machline de Oliveira e Silva, *O.c.* p. 42, dá um exemplo em que *il* e *Monsieur* são co-referenciais em frase afirmativa: "Monsieur croit qu'il est déjà grand."

2. **O doutor** já tem um cão, temos de arranjar uma galinha para o Carolino... (Vergílio Ferreira. *Aparição*. p. 55.)

3. **Papai** já foi ministro? (Machado de Assis. *Quincas Borba*, p. 240, cap. 175.)

4. O que é que há? **A senhora** saiu, onde foi? (Nélson Rodrigues. *A mulher sem pecado*, vol. I, p. 23.)

No primeiro exemplo e no quarto, os pronomes são de referência, dizem respeito a uma 3ª pessoa. No segundo e no terceiro exemplos, são pronomes de reverência, isto é, são dirigidos, no diálogo, à 2ª pessoa. Vejamos o contexto maior, em que esses exemplos se inserem:

1. Estes meninos são uns monstros! Vá lá a gente confiar! Pareciam iguais a todos os outros. Ia jurar que eram bonzinhos. Tinham tanto respeito ao senhor doutor. E agora que ele, coitado, faleceu, é o que se vê... Incrível! São mesmo uns monstros. Nem a morte respeitam.

2. Eu próprio lhe trouxera [ao cão] esse dia um bocado de pão, que o desgraçado apanhou com infinito fastio: tinha o seu regime de ossos, não apreciava decerto o pão. Foi quando à minha beira travou uma furgonete e descobri ao volante o Alfredo Cerqueira.

— Então, doutor, a alimentar os animaizinhos... O doutor já tem um cão, temos de arranjar uma galinha para o Carolino...

3. Nuno, que já andava no colégio, onde ouvira falar da mudança de gabinete, disse ao pai que queria ser ministro. Teófilo ficou sério.

— Meu filho, disse ele, escolhe outra coisa, menos ministro.

— Diz que é bonito, papai; diz que anda de carro com soldado atrás.

— Pois eu te dou um carro.

— Papai já foi ministro?

4. Olegário: — O que é que há? A senhora saiu, onde foi?

Umberto: — Saiu. Depois do almoço. Mais ou menos umas duas horas. Voltou às cinco horas.

Pelo menos dois casos interessantes ilustram melhor ainda essa supremacia da 3ª pessoa: o uso de *sua*, em lugar de *vossa*, quando se interpela o alocutado, com o pronome de

tratamento, e o emprego de *tu3*, isto é, do pronome *tu* com flexão verbal de 3ª pessoa.

### 3. SUA + SUBSTANTIVO ABSTRATO

A utilização de *sua* + *substantivo abstrato* é normal como referência respeitosa à 3ª pessoa, mas também pode ser estendida à 2ª pessoa, isto é, ao próprio alocutado. Assim, em lugar de: "Vossa Excelência vai sair?" é possível dizer: "Sua Excelência vai sair?"

Celso Cunha não só admite esta última construção como perfeitamente lícita, mas também assinala que seu emprego é mais freqüente antes de um aposto: "Sua Excelência, o Senhor Ministro, está de acordo?"<sup>22</sup>

Essa flutuação entre *sua* e *vossa* é explicada por Eduardo Carlos Pereira como proveniente da confusão entre os aspectos lógico e gramatical do uso do pronome, que é de 3ª pessoa, quanto à sintaxe, mas de 2ª, quanto à semântica.<sup>23</sup>

É bem possível que o uso de *sua* em lugar de *vossa* se tenha prendido também à utilização de *ela* como forma de tratamento. Em alemão, conforme vimos, a expressão *Eure Gnaden* (Vossas Clemências) passou a *Ihre Gnaden* (Suas Clemências), depois que *Sie* (o senhor) começou a ser usado como sujeito em lugar de *Ihr* (vós). *Sua Alteza*, em lugar de *Vossa Alteza*, no tratamento direto, já aparece em documentos do séc. XVI.<sup>24</sup> Também do séc. XVI é a carta de Pero Vaz de Caminha.

### 4. OS VÁRIOS PRONOMES TU

Machado de Assis, embora misture com alguma freqüência *tu* com *você*, em suas melhores obras, algumas vezes como recurso para indicar alterações no sentimento do falante pra com o ouvinte, nunca chegou a utilizar *tu3* nem *tu* e *você* num mesmo período. Mas, na análise da peças de Néelson Rodrigues, pudemos constatar não apenas a mistura de

---

<sup>22</sup> CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*, p. 210.

<sup>23</sup> PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática histórica*, p. 461-2, § 651.

<sup>24</sup> Ver. LUZ, Marilina dos Santos. *Fórmulas de tratamento no português arcaico*, p. 54-5.

tratamentos *tu/você*, mas também a existência de três tipos de *tu*, num mesmo período:

Tu1: pronome *tu* ausente, mas flexão verbal de 2ª pessoa (sem sujeito expreso);

Tu2: pronome *tu* expreso na frase, com flexão verbal de 2ª pessoa;

Tu3: pronome *tu* expreso na frase, com flexão verbal de 3ª pessoa.

Aparentemente, não há nenhuma distinção social entre essas formas, em termos de relação diádica falante/ouvinte, a não ser como uma forma mais íntima que *tu3* conota, em relação a *tu1*, *tu2* e *você*. Estas três últimas formas são absolutamente indiferentes. Vejamos alguns exemplos:

1. Você tem medo. Medo de mim. Olha! Agora que eu sei que nunca, que não conheceste nenhuma mulher, eu desejaria, juro, que tu tivesse morrido. (Olegário para o cunhado. *A mulher sem pecado*, vol. I, p. 67.)

2. Você disse isso, explicou que eram de cor? (...) Escuta, vem comigo. Mas ao menos não fala, para que ela não perceba a tua presença. Não quero que ela saiba que estás perto, que és uma testemunha de nossas palavras. Sim? (Virgínia para o marido. *Anjo Negro*, vol. I, p. 453.)

3. Escuta aqui: tu tem moral pra dizer que não vai, sua cachorra? Vai e bolei uma idéia: você pede dinheiro pra o enterro de tua mãe. É o pretexto.. (Leleco para a mulher. *Boca de Ouro*, vol. III, p. 274.)

Mário Marroquim também anota o uso de vós com flexão verbal de 3ª pessoa:

“Quando vós entrou na Igreja,  
O padre abriu os Missá...

.....  
Quando vós chega zangado  
Ella pergunta o que é.”<sup>25</sup>

## 5. CONCEITO DE SISTEMA

Nos exemplos anteriores, observamos a mistura dos paradigmas de 2ª e de 3ª pessoas. Pretendemos apresentar uma teoria – a teoria do equilíbrio do sistema –, com a qual

---

<sup>25</sup> MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste*, p. 112.

procuraremos explicar a razão dessa mistura, e estender nossas considerações a problemas mais específicos do emprego dos pronomes pessoais em português, notadamente o do Brasil. Antes de apresentarmos a teoria do equilíbrio do sistema, convém conceituar o que entendemos por sistema.

Empregamos sistema aqui no mesmo sentido que lhe atribui Coseriu, no seu trabalho intitulado "Sistema, norma y habla", que resumiremos em suas linhas gerais:<sup>26</sup>

O conceito de sistema já existia em Saussure, que distingue a língua de três maneiras diferentes: acervo lingüístico, instituição social e sistema funcional.<sup>27</sup> Em Saussure também se encontram as premissas para a estruturação do conceito de norma, quando, por exemplo, indica que uma idéia de língua pode dar-se de maneira bastante fiel por meio de uma gramática e de um dicionário. Assim, em Saussure, a língua é não só uma instituição social ligada a outras instituições sociais, contendo elementos não-funcionais (norma), mas também um sistema abstrato de oposições funcionais (sistema).

A fala não são invenções nem atos arbitrários, porque se estrutura sobre modelos precedentes que ela contém e supera. Num primeiro grau de formalização, essas estruturas são normais e tradicionais na comunidade e constituem a *norma*. Num plano mais alto de abstração, depreende-se da norma uma série de elementos essenciais e indispensáveis de oposições funcionais que constituem o *sistema*. A norma e o sistema não são conceitos arbitrários aplicados à fala, nem são aspectos da fala, nem são realidades autônomas, mas formas que se manifestam no falar. A norma é a repetição de modelos anteriores. O sistema só contém da norma o que é forma indispensável, oposição funcional, isto é: ao se passar da norma ao sistema elimina-se tudo o que é "variante facultativa" ou "variante combinatória", conservando-se apenas o que é funcionalmente pertinente. A norma é variável

---

<sup>26</sup> COSERIU, Eugenio. Sistema, norma y habla. In: ---. *Teoría del lenguaje y lingüística general*, p. 11-113.

<sup>27</sup> Herculano de Carvalho retoma o termo "esquema", de Hjelmslev, com o mesmo sentido de "sistema", de Coseriu e Saussure, justificando-se com o argumento de que a norma também é sistema. Mas a norma não é um sistema funcional. (Cf. CARVALHO, J. Herculano de. *Teoria da linguagem*. p. 273, tomo I, nota de rodapé.)

segundo os limites e a índole da comunidade considerada. Se se consideram os atos lingüísticos de um só indivíduo, há, entre os limites do falar e os da norma social, um campo intermediário correspondente à norma individual, isto é, os elementos constantes na fala do indivíduo, eliminado-se o *feito de fala*, o que é puramente ocasional e momentâneo, ou seja, o que é originalidade expressiva absoluta, elemento totalmente inédito.<sup>28</sup> O que se emprega no falar são formas que só no sistema encontram sua condição e seu molde ideal. A criação analógica é o resultado do desconhecimento da norma por parte do falante, que se guia pelo sistema. Não aprendemos uma língua; o que aprendemos é a criação dentro da língua. Sistema e norma são conceitos estruturais, sincrônicos. Língua é continuidade; sistema e norma são estaticidade, correspondem a um estado de língua. Isso, em linhas gerais, o que disse Coseriu.

Para economia da descrição, chamamos sistema não apenas ao conjunto maior de todas as redes funcionais, mas também a uma parte desse conjunto. Ao falarmos em sistema pronominal, estaremos referindo-nos a um subsistema, a um subconjunto do sistema maior. Mas, como o que interessa na conceituação de sistema é a funcionalidade das relações internas, torna-se irrelevante a distinção entre sistema e subsistema, no âmbito deste trabalho.

## **6. CONCEITO DE EQUILÍBRIO DO SISTEMA**

De acordo com Derek Bickerton,<sup>29</sup> quando um elemento se introduz no sistema e é por ele aceito, ocorre uma mudança gradativa na rede de relações funcionais ligada diretamente a esse elemento, com o propósito de incorporá-lo definitivamente ao sistema. Em outras palavras, a introdução de um novo elemento provoca um desequilíbrio, e o sistema se reorganiza gradativamente. Esse processo de reorganização em face do elemento novo é o que constitui o que chamamos aqui de equilíbrio do sistema. O termo, à primeira vista, pode parecer ambíguo, já que designa um processo e, ao mesmo

---

<sup>28</sup> Feito de fala é o que se elimina quando se passa do ato lingüístico concreto para a norma individual.

<sup>29</sup> BICKERTON, Derek. The nature of a creole continuum, p. 640-669.

tempo, o resultado desse processo. Mas, como o sistema pronominal do português está em relativo dinamismo, no sentido de que ainda está em processo gradativo de reorganização, a expressão equilíbrio do sistema pronominal significa aqui o processo, e não resultado do processo.<sup>30</sup> O restabelecimento do equilíbrio do sistema não se faz de um dia para o outro. Em termos sociolingüísticos, quando uma nova regra Y começa a se implantar, ela coexiste com a regra anterior X durante muito tempo, até que a regra mais antiga desapareça. Essa coexistência é conhecida como *conflito de regras*. Derek Bickerton assim apresentou o problema, numa terminologia muito própria, que vamos condensar e simplificar em poucas linhas, com alguma adaptação necessária:<sup>31</sup> a mudança de regras assemelha-se a uma pedrinha jogada na superfície da água, em que ondas concêntricas se espalham a partir do ponto em que a pedra afundou. Se considerarmos lecto, na terminologia de Bickerton, o conjunto possível de regras para uma dada variedade de língua natural, o conflito de regras pode ser entendido como uma situação em que o lecto A contém a regra X; o lecto C contém a regra Y; e existe um lecto B em que X e Y se alternam. Em outras palavras, o conflito de regras é uma situação em que a "onda de mudança" atinge o falante antes que a "onda" antecessora passe por ele. Isso explicaria não só a coexistência dos pronomes *tu* e *você* no mesmo falante, no mesmo personagem, no mesmo texto e no mesmo contexto, mas também a tendência dos falantes de anular a ambigüidade trazida pela utilização do pronome *você* com as formas complementares da 3ª pessoa, como tentaremos mostrar a seguir.

## **7. O CONFLITO DE REGRAS: A MISTURA DE TRATAMENTOS**

---

<sup>30</sup> Na língua, enquanto um *continuum* evolutivo, segundo Coseriu, nada é fixo, obviamente, mas o sistema, enquanto resultado de um processo, enquanto corte realizado num dado estágio de língua, é, naturalmente, algo fixo. Cf. artigo de Coseriu, acima citado.

<sup>31</sup> Um resumo da linha geral do pensamento de Bickerton está nas páginas 178-80 do livro *Introdução à sociolingüística*, de Marcellesi & Garden.

A introdução e a aceitação generalizada das fórmulas de tratamento indireto ocasionaram um desequilíbrio no subsistema pronominal do português. Os pronomes *tu* e *vós*, únicos recursos primitivos do falante para dirigir-se ao interlocutor, com exceção de umas poucas expressões de deferência herdadas do latim, tiveram de ceder seus espaços e paradigmas às novas formas, num lento processo de readaptação.

Originalmente usadas apenas com *vós* e com *tu*, no português, as fórmulas de tratamento logo começaram a impor-se como sujeito e como complemento verbal, e, aqui, o sistema em reorganização oferecia três opções básicas ao falante: 1. uso da fórmula de tratamento com o paradigma pronominal correspondente ao da 2ª pessoa; 2. uso de fórmula de tratamento com o paradigma pronominal correspondente ao da 3ª pessoa; 3. uso da mesma fórmula de tratamento em todas as funções sintáticas, com auxílio de preposição, se necessário.

Vejamos alguns exemplos ilustrativos dessas opções:

a) Pois, senhor, aprestes o tões, ca aqui estaa em esta trascamara fechado, e ora te podes delle vimgar aa tua vontade. (Rainha para o rei Ramiro – “Dom Ramiro ou a Lenda de Gaia”, séc. XIII ou XIV)<sup>32</sup>

b) Senhor, nam posso fazer menos, que vos perdestes dous amigos, os mylhores que nunca tyvestes no mundo, eu e Naçeram, voso cunhado, que vede-lo aquy, na nao em hũa cama. (Um episódio de “Josep ab Aramatia” – séc. XIII ou XIV)<sup>33</sup>

c) Pedem Senhor a Vossa Senhoria poerdes em Vossa terra... (séc. XV)<sup>34</sup>

d)...assi como Vossa Senhoria o simpresmente soltou ora há seis annos nas primeiras Cortes que em Lisboa fizestes... (séc. XV)<sup>35</sup>

Observa-se, nos exemplos a) e b), o uso de *senhor* apenas no vocativo, com flexão verbal de 2ª pessoa. No exemplo c), *Vossa Senhoria* é objeto indireto de *pedem*, mas o

---

<sup>32</sup> Cf. NUNES, José Joaquim. *Crestomatia arcaica*, p. 25.

<sup>33</sup> Id. Ib. p. 110.

<sup>34</sup> LUZ, Marilina dos Santos. *Op. cit.* p. 51.

<sup>35</sup> Id. Ib. loc. cit.

sujeito de *poerdes* é ainda *vós*. No exemplo d), *Vossa Senhoria* é sujeito de *soltou*, mas o sujeito de *fizestes* é *vós*. São estes dois últimos exemplos que apresentam a fórmula de tratamento em vias de pronominalização, e as três opções acima apontadas: em c), há a escolha das opções 1 e 3; em d), há a escolha das opções 1 e 2.

No processo de pronominalização e conseqüente aceitação da fórmula de tratamento, há uma "luta" entre a 2ª e a 3ª pessoa, isto é, há um conflito de regras, ocasionado, obviamente, pela convergência de normas.

Ocorre, no entanto, que esse conflito de regras não é uno e simples. Ele apresenta duas fases perfeitamente distintas no tempo. A primeira é a que corresponde ao processo de pronominalização; a vitória da 3ª pessoa do singular sobre a 2ª do plural é um fator bastante considerável na lenta e já quase consumida supressão do *vós* do sistema pronominal do português. A segunda fase, que nos interessa mais de perto, é decorrente da supressão do *vós*, e diz respeito ao paradigma de *tu*, usado com os pronomes já incorporados ao sistema.

No processo de pronominalização, a fórmula de tratamento acabou vitoriosa sobre o uso de *vós*, persistindo, no entanto, as opções 2 e 3 que, por serem opções entre formas de 3ª pessoa, não chegam a constituir propriamente um conflito de regras, mas um problema de ordem estilística: a repetição (ou não) da fórmula de tratamento num mesmo período: "Vossa Excelência quer que eu traga o jornal de Vossa Excelência para Vossa Excelência?" OU: "Vossa Excelência quer que eu lhe traga o seu jornal?"

Mas nos pronomes de tratamento menos formais que *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*, como *você* ou *o senhor*, a 2ª pessoa continua em conflito com a 3ª: "Você quer que eu te (lhe) traga o seu (teu) jornal?" Esta é a segunda fase do conflito de regras, de que falamos acima. E é dela que trataremos a seguir.

## **8. A MISTURA DE TRATAMENTOS COMO RECURSO DE ESTILO**

Nem toda mistura de tratamento corresponde a exemplos de conflito de regras. Há casos especiais em que o

tratamento muda de *tu* para *você* ou de *você* para *o senhor*, e vice-versa, a fim de assinalar uma mudança de atitude ou de sentimento do falante em relação ao interlocutor. O próprio contexto em que se processa a mudança de tratamento revela a intencionalidade do autor.

Essa mistura estilística de tratamento é observável em função da quebra de normas lingüísticas de conduta social. Segundo Goffman,<sup>36</sup> cada regra de conduta implica, do ponto de vista do falante, uma obrigação (*obligation*), que estabelece, moralmente, a maneira como ele deva dirigir-se ao interlocutor, e uma expectativa (*expectation*), que é uma pressuposição do modo como o interlocutor deva comportar-se em relação a ele.

Em *Perdoa-me por me traíres*, de Néelson Rodrigues, há o seguinte diálogo entre uma enfermeira e um médico, durante uma operação de aborto:

Enfermeira (ressentida): — Você hoje está com os seus azeites!

Médico: — Dobre a língua! Já lhe disse que não quero intimidades durante o serviço. Aqui me chame de doutor, percebeu? E vê se não me dá peso!" (Vol. II, p. 405)

Em *Toda nudez será castigada*, há o seguinte diálogo entre pai (Herculano) e filho (Serginho):

Serginho (cortando): — O senhor me responde uma pergunta?

Herculano (num apelo): — Me chama de você! (p. 76)

Em ambos os exemplos, houve um desacerto entre a obrigação e a expectativa. A intimidade que a enfermeira possivelmente tinha com o médico fora do consultório levou-a a tratá-lo com a familiaridade do pronome *você*, e foi chamada à ordem pelo interlocutor, que exigiu dela um tratamento cerimonioso. No segundo caso, o pai, possivelmente habituado a ser chamado de *você* pelo filho estranhou o tratamento cerimonioso, denotativo de um sentimento destituído de afetividade.

---

<sup>36</sup> Cf. GOFFMAN, Erving. *The nature of deference and demeanor*, p. 473-74.

A comunicação pode ser entendida, assim, como um ato sujeito a uma regra de conduta da qual a infração representa por si mesma uma forma de expressão.

Paul Friedrich procurou mostrar, em seu estudo sobre os pronomes *vy* e *ty*, em russo, não apenas que o uso da fala é determinado por princípios culturais, mas também que há sinais extralingüísticos com as mesmas dimensões dos pronomes pessoais de 2ª pessoa, como, por exemplo, os olhos da moça seduzida que “dizem *ty* enquanto suas palavras dizem *vy*”, na *Ressurreição*, de Tolstoi.<sup>37</sup> Para Friedrich, as mudanças estilísticas de tratamento dizem muito mais a respeito do emprego social dos pronomes que a própria obediência ortodoxa às regras de conduta sociolingüística, porque a reação do indivíduo ante a infração dessas regras dá a medida exata do valor social que elas possam ter.

Em Machado de Assis, no conto “Vingança”, embora o comendador trate a amante por *tu*, passa a tratá-la por *a senhora*, ao vê-la nos braços de outro homem:

— Bem; estou satisfeito; vi o que queria ver. Fique-se com o senhor Lopes, que realmente é digno da senhora! (*Relíquias da casa velha*, p. 135)

Em Arthur Azevedo, no conto “A filha do patrão”, o comendador trata a filha Adosinda por *você*, ao proibi-la de namorar um poeta:

— Pois olhe: proíbo-lhe, percebe? Pro-i-bo-lhe que de hoje em diante dê trela a esse peralvilho! Se me constar que ele anda a rondar-me a casa, ou que se corresponde com você, mando desancar-lhe os ossos pelo Bemvindo (...) e a você, minha sirigaita... a você... não lhe diga nada!... (*Contos fora da moda*, p. 81)

No entanto, páginas à frente, o comendador passa a tratar a filha por *tu*, quando procura convencê-la a casar-se com o empregado:

(...) conheces o Manoel, o meu primeiro caixeiro do armazém? (...) Não descobriu a pólvora, não faz versos, não é janota, mas tem tino para o negócio, uma perspicácia que o levará longe, hás de ver! (*Ib.*, p. 84)

---

<sup>37</sup> FRIEDRICH, Paul. Social context and semantic feature: the Russian pronominal usage, p. 270.

Quando há um desacordo entre a obrigação e a expectativa, a mistura de tratamento passa a ser encarada como conflito de regras. Machado de Assis, por exemplo, faz o personagem dirigir-se à esposa usando ora *você* ora *tu*, num mesmo ato de fala, sem conotação de mudança de sentimentos:

— Você sabe apertos do negócio, algumas faltas... é preciso tapar um buraco daqui, outro dali... o diabo! É por isso que... Mas riamos, meu bem; não vale nada. Sabes que confio em ti. (Palha para Sofia; *Quincas Borba*, p. 77, cap. 50)

Em outra passagem, é a mulher que trata o marido ora por *você*, ora por *tu*:

—Você louva os outros porque sabe que ninguém é capaz de o desbancar. Anda, meu vaidoso, já te conheço. (Sofia para o marido; *Quincas Borba*, p. 110, cap. 71)

Na carta que Quincas Borba escreve a Rubião, o tratamento inicial é *você*, mas o final é *tu*:

"Você há de ter estranhado o meu silêncio. Não lhe tenho escrito por certos motivos particulares, etc. Voltarei breve; mas quero comunicar-lhe desde já um negócio reservado, reservadíssimo. (...) Adeus, ignaro. Não contes a ninguém o que te acabo de confiar, se não queres perder as orelhas. (...)." (*Quincas Borba*, p. 25, cap. 10)

Mas o que caracteriza melhor o conflito de regras é o uso de *você* com o paradigma de *tu*, e vice-versa, como nos seguintes exemplos de Néelson Rodrigues:

a) "(...) Se o Herculano vier, você, aos pouquinhos, pode fazer a tua independência." (*Toda nudez será castigada*, p. 30)

b) "Herculano, você me interessou de cara. Te confesso." (Geni para Herculano, *ib.* p. 31)

c) Patrício! Se você não fosse meu irmão, eu te partia a cara!" (Herculano para Patrício, *ib.* p. 33)

Na peça *Anjo Negro*, para finalizarmos os exemplos, Elias mistura *tu* e *você*:

d) Virgínia, onde estás, Virgínia? Eu também não te enterraria. Ficaria contigo, junto do teu corpo, fiel, o desejo tranqüilo, sem fazer barulho, nenhum barulho... (...) Mas onde estás? Você está se escondendo de mim? (*com rancor*) Não quer? Prefere esse negro? (Vol. I, p. 408)

## 9. PALAVRAS FINAIS

Nas áreas em que opera o conflito de regras no sistema pronominal, o imperativo de 2ª pessoa tende a suplantar os outros imperativos, até mesmo com pronomes de tratamento cerimonioso, porque o imperativo de 2ª pessoa do singular não tem flexão, o que corrobora a tendência à supressão da redundância flexional na língua oral ou na linguagem descontraída.

O uso do pronome *ele* como objeto direto é conseqüência do conflito de regras, gerado pela acomodação do sistema às novas formas pronominais nele introduzidas: o pronome *ele* encontrou apoio estrutural nos pronomes de tratamento indireto (como *você*) que não mudam de forma nos casos oblíquos. O caráter gramatical de 3ª pessoa dos pronomes de tratamento teria favorecido esse apoio à construção do *ele-acusativo*

O conflito de regras tende a resolver-se segundo as seguintes tendências, no português do Brasil: a) *te* é a forma oblíqua preferida para o pronome *você*, mas *você* e *te* não coocorrem na mesma oração, o que indica estar ainda longe a solução do conflito de regras; b) *teu* é a forma do possessivo para o tratamento *você*; c) *te* e *teu* não se usam com tratamentos mais respeitosos; d) o paradigma de 3ª pessoa é utilizado com os pronomes de tratamento de maior respeito ou cerimônia; e) *lhe* é mais usado do que *a ele*, apesar da crença generalizada de que *lhe* se reservaria para a 2ª pessoa, e *a ele* para a 3ª.

Um estudo mais detalhado do conflito de regras também explicará a confusão que se estabelece entre os demonstrativos *este* e *esse*.

### BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Clube do Livro, 1944.

----- . *Relíquias da Casa Velha*. Rio de Janeiro: Jackson, 1944.

AZEVEDO, Arthur. *Contos fora de moda*. 5.ed. Rio de Janeiro: Prado, 1955.

BALLY, Charles. *Le langage et la vie*. 3.ed. aug. Génève: Librairie Droz, 1965.

BASTO, Cláudio. Formas de tratamento em português. *Revista Lusitana*, v. 29, nº 1-4, p. 183-202, 1931.

BICKERTON, Derek. The nature of a creole continuum. *Language*. Baltimore, 49 (3): 650-669, sep. 1973.

CAMINHA, Pero Vaz de. Ver PRADO, J. F. de Almeida.

CARVALHO, J. Herculano de. *Teoria da linguagem*. Coimbra: Atlântida, 1970, tomo I.

CARVALHO, José Augusto. *Gramática superior da língua portuguesa*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

COSERIU, E. Sistema, norma y habla. In: ---. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 2.ed. Madrid: Gredos, 1969, p. 11-113.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.

DROSDOWSKI, Günther & GREBE, Paul. *Der Große Duden – etymologie – Herkunftwörterbuch der deutschen Sprache*. Mannheim: Bibliographisches Institut, 1963.

FERREIRA, Virgílio. *Aparição*. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

FOURQUET, J. *Grammaire de l'allemand*. Paris: Hachette, 1952.

FRIEDRICH, Paul. Social context and semantic feature: the Russian pronominal usage. In: GUMPERZ, John J. & HYMES, Dell, eds. *Directions in sociolinguistics; the ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc, 1972, p. 270-300.

GOETHE, Johan Wolfgang. *Götz von Berlichingen*. 2.ed., München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1970.

GOFFMAN, Erving. The nature of deference and demeanor. *American Anthropologist*, 58: 473-502, 1956.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. 2.ed. cor. Y aum. Madrid: Escelicer, [s.l], 1950?

LUZ, Marilina dos Santos. *Fórmulas de tratamento no português arcaico*. Coimbra: Casa do Castelo, 1958.

MARCELLESI, Jean-Baptiste & GARDIN, Bernard. *Introdução à sociolingüística – A lingüística social* (Trad. de Maria de Lourdes Saraiva) Lisboa: Editorial Aster, 1975.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste*. São Paulo: Nacional, 1934.

NUNES, José Joaquim. Tratamento. In: ---. *Digressões lexicológicas*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1928, p. 64-78.

- . *Crestomatia arcaica*. 5.ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática histórica*. 2.ed. São Paulo: Seção de Obras d'O Estado de São Paulo, 1919.
- PRADO, J. F. de Almeida, ed. *Carta de Pero Vaz de Caminha*. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1977 (Col. Nossos Clássicos).
- RODRIGUES, Nélon. *Teatro quase completo* (contendo: A mulher sem pecado; Vestido de noiva; Álbum de família; Anjo negro). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965, vol. I.
- . *Teatro quase completo* (contendo: Dorotéia; Valsa número 6; A falecida; Senhora dos Afogados; Perdoa-me por me traíres). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965, vol. II.
- . *Teatro quase completo* (contendo: Viúva, porém honesta: Os 7 gatinhos; Boca de Ouro). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966, vol. III.
- . *Toda nudez será castigada*. Rio de Janeiro: Record, [s/d.]
- RODRIGUES, Urbano Tavares. *Casa de correção*. Lisboa: Bertrand, 1968.
- SAID ALI, M. De eu e tu a majestade – tratamentos de familiaridade e reverência. In: ---. *Investigações filológicas*. Rio de Janeiro: Grifo/MEC, 1975, p. 90-106.
- . *Meios de expressão e alterações semânticas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.
- SANTOS, Maria José de Moura. *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes. Separata da Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XII (tomo II), XIII e XIV. Coimbra, 1967, 455 páginas.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. *Aspectos sociolingüísticos dos pronomes de tratamento em português e francês*. Rio de Janeiro: Fac. de Letras UFRJ, 1974 (Diss. de Mestrado, inédita.)
- WANDRUSZKA, Mario. *Nuestros idiomas: comparables y incomparables*. Versión española de Elena Bombin. Madrid: Gredos, 1976.